

Luís Salvaterra (Intrum Justitia)

“A prova reforça competências em duas áreas, no trabalhar em equipa e tomar decisões sob stress. Penso que são fundamentais para as empresas. Cada vez mais o trabalho em equipa é importante porque as soluções são encontradas com o contributo de várias pessoas dentro de cada organização. Por outro lado as empresas que tomam as melhores decisões num ambiente competitivo geralmente são as ganhadoras” P4



João Paulo Peixoto (Staples)

“O Global Management Challenge é uma das maiores competições de gestão e estratégia do mundo e tem sido, para a Staples Portugal, uma mais-valia. Estarmos ligados a um projeto inovador de alma lusa com impacto noutros países é algo que nos orgulha e com o qual nos identificamos. É um projeto globalizante que envolve executivos e universitários, e competir pela distinção de melhor equipa nacional e posteriormente pelo título mundial, só traz benefícios a Portugal, equipas e patrocinadores” P4



Este caderno faz parte integrante do Expresso nº 2321 de 22 de abril de 2017, não podendo ser vendido separadamente

Quatro jovens
estudantes
macaenses
ultrapassaram
a concorrência



Macau vence final internacional do Global Management Challenge

Ao todo estiveram em Doha **21 países** a lutar pelo título mundial

Depois de a Rússia ter vencido as três últimas finais internacionais desta competição, a vitória da edição de 2016 recaiu no território de Macau, tendo o antigo campeão obtido o segundo lugar. Quando se ouviu o anúncio de que os quatro jovens estudantes macaenses tinham vencido, a ovação da sala

não escondia o júbilo por estes terem destronado o domínio russo. O Global Management Challenge chegou a Macau há 20 anos e a sua primeira vitória mundial só se viria a registar na edição de 2007. Nove anos depois, repetiu o feito.

Esta final internacional que decorreu entre os dias 10 e 12

de abril, em Doha, capital do Qatar, ficou ainda marcada pela presença de Portugal nos oito lugares cimeiros, algo que não acontecia desde a edição de 2012. Coube ao nosso país a sétima posição que foi obtida por uma equipa de estudantes que em território nacional foi apoiada pela empresa IT Sector.

Pela primeira vez um país do Médio Oriente acolheu este evento que foi disputado por 21 países, oriundos de quatro continentes. Randa Haidar, organizadora da prova no Qatar, salientou este facto e a oportunidade que deu ao mundo árabe de mostrar um pouco mais da sua cultura e hábitos. Conti-

nuando nesta linha, em abril de 2018 será a vez do Dubai organizar a final de 2017.

Durante a gala de entrega de prémios houve ainda tempo para atribuir à Accenture Portugal o prémio de patrocinadora do ano. José Gonçalves, presidente da empresa, esteve no Qatar para receber o prémio.



O líder da formação do Qatar com a bandeira do seu país, seguido das equipas de Angola, Portugal e Cabo Verde, durante diferentes momentos dos dois dias de competição

COMPETIÇÃO



A foto de grupo (em cima), em que os participantes dos vários países que competiram pelo título ergueram as suas bandeiras, mostra com clareza a dimensão mundial que este desafio português já alcançou. À esquerda, a organização internacional e a local posaram para a fotografia com representantes oficiais do Qatar que fizeram questão de estar presentes na entrega de prémios. À direita, Mian Muneer Ud Din, parceiro dos Emirados Árabes Unidos, revelou que em 2018 será o Dubai a organizar este evento



A segunda vitória de uma equipa

O Global Management Challenge é disputado em Macau há 20 anos e o território, até agora, já venceu duas finais internacionais. A Rússia ficou em segundo lugar e a República Popular da China em terceiro. **Portugal atingiu a sétima posição**

Textos **MARIBELA FREITAS**

A primeira final internacional do Global Management Challenge realizada num país árabe decorreu este mês, entre os dias 10 e 12 de abril, em Doha, capital do Qatar. Depois de dois dias de intensa competição, a vitória recaiu na equipa de Macau que relegou para segundo lugar a tricampeã russa. Portugal conseguiu a melhor classificação dos últimos anos.

Quatro jovens estudantes de gestão, oriundos de Macau, foram os vencedores da edição de 2016 desta competição que foi disputada por 21 países. “A nossa equipa trabalhou muito para vencer”, contou emocionada Liu Yuan, líder da equipa macaense, após o anúncio do primeiro classificado. Reservada e sem revelar muito da estratégia utilizada, explicou que nas decisões tomadas pensaram sempre no longo prazo e essa foi, na sua opinião, a razão por que chegaram tão longe. Na sua ótica e para estudantes “que querem construir uma empresa”, participar num evento como este é importante pelos conhecimentos

que se adquirem em finanças e outras áreas da gestão empresarial.

Tommy Lau, da Macau Management Association, entidade que organiza a prova em Macau e Hong Kong (os dois territórios concorrem em separado da China), não escondia também a emoção, após nove anos passados da vitória na edição de 2007. “Estou orgulhoso, esforçaram-se, estudaram muito e treinaram todas as estratégias. São muito jovens e espero que esta competição os ajude a crescer em termos académicos e que no futuro, quando começarem as suas carreiras profissionais, estejam mais bem preparados”, revelou. Acrescentou ainda que a competição, em Ma-

cau, está cada vez mais popular entre os universitários e esta segunda vitória traz novo alento para a sua projeção no território.

Desempenho nacional

Como é habitual a final internacional contou no dia 10 com a cerimónia de distribuição aleatória das 21 equipas por quatro grupos. Estes competiram no dia 11, na semifinal, em que tiveram de tomar cinco decisões de gestão sobre os destinos da sua empresa em concorrência. No final do dia, as duas equipas de cada um dos quatro grupos que obtiveram o melhor valor de desempenho, ou seja no total oito, disputaram a finalíssima no dia 12 de abril. Aí o processo foi o mesmo e tiveram novamente de escolher estratégias e tomar cinco decisões para conseguirem vencer este processo.

Portugal foi bem sucedido nesta jornada. Apesar de não ter ficado nos três primeiros lugares, conseguiu o melhor resultado dos últimos anos, a sétima posição. Na edição de 2012 a equipa nacional tinha ficado em oitavo.

Luís Valente liderou a equipa de estudantes nacional que nesta fase conta já com alguns dos seus elementos a trabalharem na empresa que os apoia desde o início, a IT Sector. Foi também para ela este resultado. “Estamos felizes com o resultado, mas sentimos que

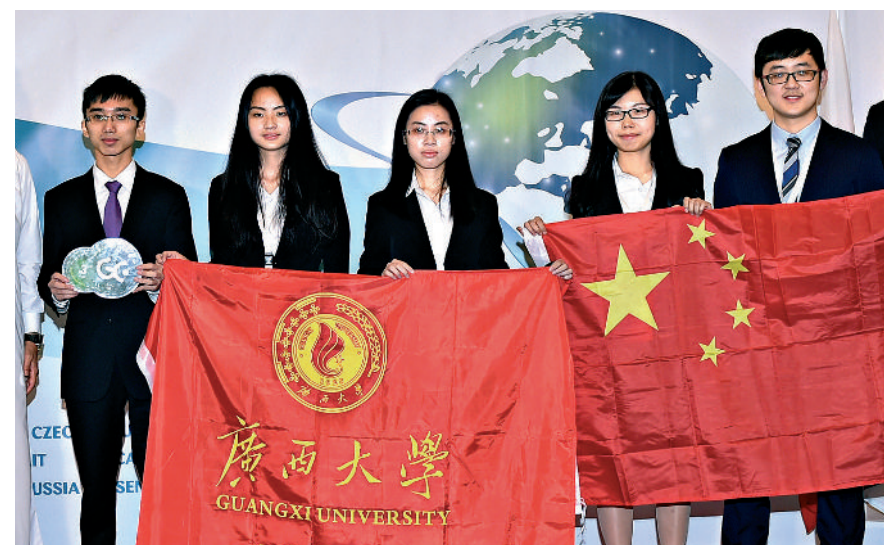
poderíamos ter ido mais longe”, explicou o líder português após o anúncio dos resultados. Durante a competição tiveram alguns percalços, nomeadamente greves decorrentes de dificuldades com a gestão de pagamentos de salários, o que prejudicou a sua classificação. A aprendizagem obtida neste processo foi algo que destacou, nomeadamente as estratégias apresentadas pelas equipas asiáticas a nível de preços e de outras equipas na gestão do marketing. “Vão permitir-nos olhar para a competição com outros olhos”, afirmou. E estão já a pensar em 2017 sendo que vão participar na edição nacional e a ambição é vencer

PORTUGAL FICOU EM SÉTIMO E DESDE A EDIÇÃO DE 2012, QUANDO FICOU EM OITAVO, QUE O PAÍS NÃO OBTINHA UMA CLASSIFICAÇÃO TÃO BOA

O QATAR, PAÍS ANFITRIÃO, FOI REPRESENTADO POR UMA EQUIPA DE CINCO JOVENS QUADROS E NÃO CONSEGUIU PASSAR DA SEMIFINAL



A Rússia (foto em cima) ficou em segundo lugar na tabela classificativa. Seguiu-se-lhe no pódio a República Popular da China (foto abaixo) e em quarto (segunda foto de baixo) a Estónia que recebeu o prémio das mãos de Luís Mira Amaral, presidente do Internacional Supervisory Board, o equivalente ao júri internacional da competição



macaense

novamente e chegar ao Dubai para aí, quem sabe, ficar entre os quatro primeiros lugares.

E se Macau não cabia em si de alegria pelo resultado obtido, a desilusão era óbvia no rosto dos jovens estudantes de mestrado da equipa russa. Depois de três vitórias consecutivas em finais nacionais, ficaram agora em segundo. No entanto e no dia da finalíssima não era essa a expectativa. Maxim Kirilov, líder da formação russa acreditava no seu treino e experiência, sendo que esta era a sua quarta participação numa final internacional. Ficaram a um passo do primeiro lugar.

Forte presença asiática

Ainda com direito ao pódio esteve a República Popular da China, com o terceiro lugar. O Global Management Challenge está presente no país também há 20 anos e este já alcançou por cinco vezes o título de campeão mundial.

Na alternância entre Leste europeu e Ásia, a Estónia conseguiu a quarta posição. E em quinto ficou Hong Kong. Já o sexto lugar foi para a França, país que também há alguns anos não ficava no top 8. O seu líder, Mohamed El Amine Abdelatif tinha a ambição de ganhar, como todas as equipas em prova. Em conversa na finalíssima explicava que

por estar a competir com a Rússia, país com que partilhou o grupo na semifinal, estavam a aplicar uma nova estratégia para serem bem-sucedidos. Em sétimo, como já foi dito, ficou Portugal e a oitava posição foi para Marrocos.

Fora dos oito primeiros classificados, ou seja, os que integraram a semifinal mas não se qualificaram para a finalíssima, ficaram as equipas da Índia, Quénia, Eslováquia, Brasil, Polónia, Emirados Árabes Unidos, Cabo Verde, República Checa, Kuwait, México, Angola, Espanha e Qatar. Mohammed Al Hadhrami liderou a equipa do país anfitrião, formada por quadros do banco comercial do Qatar. Participaram pela segunda vez numa final internacional e numa apreciação a este evento revelou que “o trabalho em equipa, aprender a gerir em conjunto uma empresa e saber decidir sob pressão são aspetos cruciais para se ser bem-sucedido no Global Management Challenge”.

Lançada em Portugal no verão de 1979 pelo Expresso e a SDG, esta competição teve a sua primeira edição em 1980. Luís Alves Costa, presidente da SDG acredita que iniciativas como esta melhoram a rede de contactos internacionais, algo que é importante para a carreira de qualquer gestor. Em 2020, altura em que a prova comemora 41 anos de existência, a final internacional da edição de 2019 ocorrerá em Lisboa.

mfreitas.externo@impresa.pt

A estreia de Cabo Verde na prova

Depois de uma curta primeira edição, o país integrou a final internacional com uma equipa de quadros

Com a entrada de Cabo Verde para a competição, passaram a ser quatro os países de língua oficial portuguesa que a disputam. Estreantes nesta final internacional, os cinco quadros do Banco Comercial do Atlântico encararam a sua participação como positiva e acreditam que contribuiu para a sua aprendizagem sobre gestão.

Evaldo Lima liderou a equipa cabo-verdiana e no primeiro dia de prova, na semifinal, tiveram que enfrentar no seu grupo a República Checa, França, Kuwait, Rússia e México. Na sua perspetiva estava a ser uma experiência interessante. “Vimos de um país diferente e sentimos que as outras equipas têm um conhecimento que nós não temos, a nossa experiência é mínima, estamos a tentar gerir a empresa da melhor forma que sabemos, mas há outras variáveis da concorrência que ainda não conseguimos dominar claramente.”

No cenário com que tiveram que trabalhar a sua empresa estava no início, tinha força de vendas, in-

Cinco jovens quadros representaram o país no evento mundial e na semifinal tiveram de competir com países como a República Checa, França, Kuwait, Rússia e México

vestiu em publicidade para criar mercado e foi crescendo. “A nossa estratégia inicial era continuar o crescimento só que de repente ficamos sem força produtiva, dado que todos os grupos aumentaram os salários, recrutaram mais pessoas e foram buscá-los à nossa empresa. A partir daí não conseguimos mais recuperar e estamos a gerir a contingência”, referiu o líder. Tanto assim foi que não passaram da semifinal.

Para Evaldo Lima esta é sem dúvida uma experiência formativa, tanto a nível nacional como mundial. “Temos muita informação e há que manter o foco no que é importante, depois o tempo encurta e esse processo decisório é o que acontece numa empresa real. A gestão da informação, do processo de tomada de decisão, da coordenação em que facilmente se pode entrar em conflito e impedir-nos de ir em frente, é um grande processo de aprendizagem”, frisou.

Também Anastácio Silva, organizador cabo-verdiano da prova, salientou a importância da formação. “Somos um país que sempre apostou na qualificação. Falamos muito em desenvolvimento e para que este exista temos de ter recursos humanos cada vez mais qualificados e eu acredito que esta competição capacita-os na área da gestão e estratégia e serve para o desafio que temos hoje em Cabo Verde.” Apesar de a primeira edição se ter processado em tempo recorde para poderem integrar a final internacional, contou com 16 equipas. “É uma iniciativa para continuar, acreditamos que na próxima edição vamos conseguir mobilizar mais equipas”, finalizou.

Accenture recebe prémio do ano

A consultora foi galardoada pelo seu papel no desenvolvimento internacional deste desafio

José Gonçalves, presidente da Accenture Portugal, esteve presente na final internacional para receber o prémio pela empresa que dirige, como patrocinadora internacional da edição de 2016. Além de Portugal, onde anualmente patrocina a prova e apoia a inscrição de equipas, a multinacional já esteve ligada a esta iniciativa no Brasil, Angola, Polónia e República Checa.

“É com grande orgulho que desde cedo fizemos parte deste projeto. O Global Management Challenge começou em Portugal, fomos dos primeiros a sermos parceiros e ajudámos a chegar a outros países. Acreditamos que é um projeto de sucesso que tem muitos valores em que a Accenture se revê, nomeadamente a capacidade de atrair talento que é muito interessante e fundamental para uma empresa como a nossa. É inovador, instiga o espírito empreendedor e estes são valores nos quais nos revemos e estamos muito felizes por fazer parte desta família”, referiu José Gonçalves no evento durante a entrega deste prémio.

Por norma a consultora tem vindo a apoiar equipas de estudantes e mais recentemente algumas de quadros. O foco é, explicou José Gonçalves, “pegar

em estudantes que acreditamos terem potencial para poderem mostrar o que valem num ambiente altamente desafiante e competitivo como o da prova e com isso também sermos mais relevantes e próximos da comunidade universitária”.

Para uma empresa como a Accenture a capacidade de atrair e reter talento é fundamental e o Global Management Challenge é uma oportunidade única desta multinacional se mostrar a esse mesmo talento potencial e inclusivamente recrutar pessoas que lhe interessem. Já para os quadros que também vão a jogo a competição “é uma forma de desenvolvimento e de motivação e estes vários fatores fazem com que esta parceria para a Accenture seja muito importante”, salientou.

De acordo com o responsável da Accenture Portugal o mundo cada vez mais é digital e global e esta mesma componente digital torna-o mais pequeno. O que faz também com que o mercado potencial para os seus clientes e de talento tenha deixado de ser local para se tornar global. Estar presente numa final internacional como esta que contou com a participação de duas dezenas de países “é uma forma de estarmos presentes em fóruns globais, para termos uma maior perceção de como está o mundo convergindo e que tipo de talento temos para promover e desenvolver”.



José Gonçalves (Accenture Portugal) recebeu o prémio das mãos de Ricardo Costa (SIC)

Dubai acolhe final mundial de 2017

Em abril do próximo ano será a vez do Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, receber a disputa pelo título de campeão mundial

Após o Qatar ter acolhido este mês a final internacional da edição de 2016, no próximo ano essa honra caberá ao Dubai, nos Emirados Árabes Unidos (EAU). A organização internacional do evento aponta essa escolha como uma forma de cimentar este desafio numa área do globo que nos últimos anos tem sido preponderante na sua expansão internacional.

Mian Muneer Ud Din organiza a competição nos EAU e será o responsável pela dinamização do evento mundial em 2018. Avança para já que haverá uma visita guiada pela cidade oferecida às comitivas, tal como vem sendo prática corrente. O Dubai fervilha de atividade e será um destino interessante para se visitar. Para o mundo árabe e depois de Doha é mais uma oportunidade para este se promover junto a países oriundos de diversos continentes e de mostrar um pouco

mais da sua cultura, hábitos e forma de acolher o visitante.

No Médio Oriente a competição foi lançada inicialmente no Kuwait, em 2012. Atualmente e além do Qatar, está também presente no Irão, EAU e em breve vai arrancar no Líbano.

Na edição de 2016 a prova nos EAU contou com a inscrição de 240 equipas, o que equivale a cerca de 900 participantes. “A maioria foram estudantes, mas é algo que queremos mudar”, explica Mian Muneer Ud Din. Ao todo participaram alunos de cerca de 30 universidades o que para um país como este é um número grande. Crescer em número de equipas, com especial incidência nos quadros é um dos objetivos do organizador local.

Na perspetiva de Mian Muneer Ud Din há muito para retirar desta competição, dependendo da forma como se aborda a empresa com que se vai trabalhar. “Aprender a gerir uma empresa, a fazer combinações, a vender e a produzir mais, é isso que aprendem com o Global Management Challenge”, finalizou.

PROTAGONISTAS

João Paulo Peixoto

Diretor-geral da Staples Portugal, analisa a competição

“É um treino para a vida empresarial”



João Paulo Peixoto, diretor-geral da Staples Portugal, acredita que este desafio desenvolve o pensamento estratégico
FOTO MARCOS BORGA

A Staples Portugal é uma das entidades que há mais tempo estão ligadas, como patrocinadora, a esta iniciativa portuguesa de estratégia e gestão, presente em mais de 30 países espalhados pelo globo. João Paulo Peixoto, diretor-geral da multinacional, encontra cruzamentos nos valores defendidos pela empresa que dirige e a competição. Salienta ainda a capacidade formativa deste desafio com benefícios claros nas competências desenvolvidas, tanto para estudantes como quadros.

“O Global Management Challenge é uma das maiores competições de gestão e estratégia do mundo e tem sido, para a Staples Portugal, uma grande mais-valia. Estarmos ligados a um projeto inovador de alma lusa que tem impacto noutros países, é algo que muito nos orgulha e com o qual nos identificamos. É um projeto globalizante que envolve tanto executivos como universitários e competir pela distinção de

melhor equipa nacional e posteriormente pelo título mundial, só traz benefícios a Portugal, às equipas e também aos patrocinadores. É portanto uma parceria com benefícios mútuos”, explica João Paulo Peixoto.

Diferentes equipas

Anualmente esta multinacional apoia a inscrição de formações de estudantes e mais recentemente apoiou algumas de colaboradores. Isto porque João Paulo Peixoto acredita que “é importante desafiar as nossas equipas a sair do seu raio de ação e pensar além dos desafios diários. Avaliar estratégias, pensar sobre outras áreas e matérias diferentes do dia a dia, reconhecer obstáculos e aprender a ultrapassá-los como equipa, é fundamental para o desenvolvimento das competências de cada um”. A participação das suas formações tem superado as expectativas, com a sua dedicação, empenho e vontade de vencer.

E apesar de ainda nenhuma delas ter vencido uma final nacional, os ingredientes para o sucesso e mérito estão presentes e darão frutos no futuro.

E tanto estudantes como quadros têm muito a aprender com a participação ativa nesta competição. Aqui os desafios são inúmeros e passar cada etapa é uma vitória de aprendizagem e superação.

Para João Paulo Peixoto, “o Global Management Challenge é sem sombra de dúvida um excelente treino para a vida empresarial, para lidar com as dificuldades e os problemas inerentes à gestão do dia a dia, desenvolver um sentido de responsabilidade e uma orientação vincada para objetivos definidos atempadamente. Perceber a importância dos prazos, do trabalho de equipa, todos estes fatores contribuem para algo de extrema importância, isto é: a capacidade de pensar de forma estratégica e empreendedora, desenvolvendo o pensamento crítico”.

Tendo em conta esta aprendizagem e no caso dos quadros, podem depois aplicar os conhecimentos adquiridos no seu posto de trabalho. “O que os nossos quadros podem levar desta competição para o seu trabalho diário é precisamente a experiência de treinar a gestão da mudança, das variáveis que não controlam, ganhando competências extra para a sua gestão e tirando o melhor partido das mesmas”, frisa o diretor-geral da Staples Portugal.

Pontos em comum

Em contrapartida e no caso dos estudantes “podem aprender e retirar experiências, abrindo portas para novas culturas e formas de interagir e trabalhar”, salienta João Paulo Peixoto. Proporcionar esta experiência a universitários é para a Staples Portugal um contributo efetivo para as novas gerações de profissionais.

“

É uma prova de estratégia pura, que abre horizontes, testa limites e estimula competências, algo com o qual a Staples se identifica e crê ser fundamental no mundo profissional”

Se tivesse que apontar uma só qualidade a esta prova portuguesa diria que é a sua “capacidade de colocar os participantes a pensarem de forma prática e estratégica, ao tomarem decisões multifuncionais que impactam toda a cadeia de valor e ampliam a visão de negócio como um todo”.

E para que uma parceria resulte e seja produtiva, há que ter pontos em comum. A este respeito, João Paulo Peixoto lembra que a empresa que dirige partilha os valores pós-modernos de liderança do Global Management Challenge. “É uma prova de estratégia pura, que abre horizontes, testa limites e estimula competências, algo com o qual a Staples se identifica e crê ser fundamental no mundo profissional”.

Foi há 21 anos que esta multinacional chegou a Portugal. De lá para cá tem visto crescer o seu negócio em território nacional e hoje conta com 33 lojas físicas, uma *online* e um total de 700 colaboradores.

Luís Salvaterra Diretor-geral da Intrum Justitia em Portugal, avalia o Global Management Challenge

“A prova reforça o trabalho em equipa”

A vontade de estar mais próximo da comunidade académica e dar a conhecer a sua atividade têm sido, ao longo dos anos, algumas razões que têm levado a Intrum Justitia Portugal a patrocinar o Global Management Challenge. Para Luís Salvaterra, diretor-geral da empresa, os estudantes aprendem aqui a trabalhar em equipa e a decidir sob pressão. Duas competências com grande importância na vida das organizações.

O balanço desta ligação à competição é positivo. “O principal objetivo era o de tornar a marca Intrum Justitia mais conhecida junto dos universitários, potenciais clientes no futuro e pensamos que tem sido conseguido. Também o nosso posicionamento enquanto patrocinador ao lado de empresas líderes na sua área tem contribuído para reforçar a nossa posição de liderança no mercado em que atuamos”, explica Luís Salvaterra.

Desde que está envolvida na prova, a Intrum Justitia tem vindo a apoiar equipas de estudantes. Uma opção que o diretor-geral justifica pela vontade de reforçar a sua imagem junto da academia. Apesar de nenhuma das suas equipas ter vencido a edição portuguesa, várias já chegaram à final nacional. Na edição de 2016 a empresa convidou os estudantes

“

Percebemos as pessoas, marcamos a diferença, apostamos na inovação e estamos comprometidos com os desafios”

da sua formação que atingiu esta etapa a visitarem as suas instalações. “A equipa teve a possibilidade de contactar com os nossos colaboradores e com a realidade diária de uma empresa de um sector um pouco desconhecido para eles. Já os nossos colaboradores tiveram contacto com pessoas mais jovens, mas cheios de ambição e com bastante talento e competência. Pensamos que será uma experiência a repetir”, refere Luís Salvaterra.

Formar estudantes

Das várias dezenas de jovens das equipas apoiadas pela Intrum Justitia, ainda não saiu nenhuma contratação, no entanto, essa hipótese não está excluída. Até porque, na opinião de Luís Salvaterra “a prova reforça competências em duas áreas, no trabalhar em equipa e tomar decisões sob



FOTO MARIO JOÃO

stress. Penso que são fundamentais para as empresas nos tempos que correm. Cada vez mais o trabalho em equipa é importante porque as soluções são encontradas com o contributo de várias pessoas dentro de cada organização. Por outro lado, as empresas que tomam as melhores decisões num ambiente competitivo geralmente são as ganhadoras”. Em maio começa uma nova edição da prova e à quem vai competir aconselha a colocarem todo o seu potencial ao serviço da equipa, a divertirem-se e a levarem esta iniciativa a sério. Quanto ao que une a empresa à prova é que “percebemos as pessoas, marcamos a diferença, apostamos na inovação e estamos comprometidos com os desafios”, salienta. A comemorar este ano os 20 anos em Portugal, a Intrum Justitia começou com quatro pessoas e hoje são 200 os seus colaboradores.